

Erudita e sensível, do ponto de vista estético, a análise do escritor e psicanalista, **Luiz-Olyntho Telles da Silva**, do romance *O senhor embaixador*, de seu ilustre conterrâneo, *Erico Verissimo*.

Luiz-Olyntho começa falando da contribuição que o cidadão pode oferecer à coletividade, aí considerando corajoso o ato de Erico Verissimo, ao escrever esse romance em 1965, em pleno golpe militar ao regime democrático brasileiro vigente, período aquele em que, politicamente, o nosso povo esteve bem afastado do sentido que Aristóteles emprestara à expressão *zoon politikon*, um *animal político*, ou seja, um ser vivo - *zoon* -, destinado à vida da cidade – *pólis*. Se vivo, é que está sendo respeitado em sua individualidade, conforme pretendia o Estagirista. Mas não é assim que sucede no espaço romanescos do autor: *República do Sacramento*. Aí, *Um mês depois de seu discurso*, **Luiz-Olyntho** faz esse recorte no romance, objeto de sua análise, o personagem *Leonardo Gris desapareceu sem deixar rastro*. Mortos aí estavam os vivos não portadores da palavra. Mortos estão todos os viventes que não fazem uso da palavra desejante. Para Aristóteles, as cidades-estados atenienses representam o modelo ideal de uma comunidade política. Aí o homem tinha direito à palavra, a *palavra alada homérica*, que voa, solta ao sabor do vento livre... Mas, aqui, entre nós, nesse período de turbulência política, não, a palavra sofrera corte nas suas asas. Assim, concordo com o crítico, era preciso sim ter coragem! E foi o que o romancista Erico Verissimo fez. Criteriosamente, observa **Luiz-Olyntho**, *Erico Verissimo, com a coragem de um bravo, amplia nossos horizontes*. Perguntemos: *Como?* **Luiz-Olyntho**, no modo sensível de quem convive com o literário, responde: *Quando a liberdade de expressão estava restrita, encontrou uma maneira de deslocar a atenção da censura para outra geografia, e aí então contar sua história*. Aqui refere a *mimesis*, uma noção também aristotélica, elaborada na *Poética*. É que na *mimesis* não se imita a realidade; a palavra aí não representa, mas, *transfigurando a realidade*, revela-a. *Mimeîsthai*, imitar, é *simular a presença efetiva de um ausente*, conforme nos dizem os helenistas Vernant e Naquet, no livro *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Pela Arte, revelando, denunciando, a miséria imposta a um povo por um sistema tirano, é essa, conforme pensa o experiente crítico, a grande contribuição, como cidadão, do romancista Erico Verissimo, legada à *humanidade*.

Mas há mais ainda. Essa análise se faz em diversos níveis da exegese. Mostrando uma acurada percepção estética, **Luiz-Olyntho** fala dos diversos recursos literários que Erico Verissimo utilizou para significar, conotativamente, a sua escrita, meio pelo qual escapara à censura vigente. Observa o sagaz *humor* com que, *pelo avesso*, o romancista critica a mentalidade simploriamente narcisista dos poderosos. Assim comenta, exemplificando: *Como veem, este romance não é isento de humor. Muito ao contrário. Ao descrever a esposa de um militar, por exemplo, diz que por vezes ela, a Senhora Ninfa Ugarte, uma lúbrica ninfômana, usava tantos berloques, medalhas e pregadores, que chegava a lembrar o Marechal Goring nos seus tempos de festa e glória (p.83)*. Aqui, temos uma *scene of irony*, envolvendo relações de poder baseadas em relações de comunicação.¹ [Ver o livro *irony's, the theory and politics of irony*, da autora, publicado em New York, pela editora Routledge, 1995.] Essa é uma interpretação fundada no que Umberto Eco chama *auctoris intentio*. É necessário que se conheça o contexto histórico-cultural vivido pelo autor para se fazer uma boa interpretação da obra literária.

Leitor experiente e estudioso, **Luiz-Olyntho** sabe que o que importa numa obra considerada literária não é o seu enredo, simplesmente; daí levantar a questão: *O enredo da história é simples, e, se me permitem a ironia, até banal: trata-se da luta pelo poder. Será esse o nosso interesse no texto?* Sabe que não. E responde: *Embora não haja*

motivo para excluí-lo, diria que nosso interesse primeiro será o de ver como a história vai se estruturando para nos mostrar isso. E é aí que aparece a grandeza do texto! Ora, ver como a história vai se estruturando é saber observar a sua estrutura arquitetônica, os elementos que a compõem, e aí apreender a coerência, a unidade, da obra. É daí, como afirma, que ela tira sua grandeza.

Referindo a estratégica literária, no nível da percepção estética, **Luiz-Olyntho** chama-nos atenção para o nome de um dos personagens do romance: *Repararam que o primeiro a entrar em cena foi o jornalista americano batizado, de modo sui generis, como Bill Godkin?* E podemos sugerir que essa é também uma leitura do psicanalista, que sabe da importância que tem os nomes, o desejo que neles carrega; e também acrescentemos que é uma leitura joyciana, ele mesmo o cita. Sabemos que é um leitor cativo do escritor irlandês, James Joyce. Bem, aqui menciona a rica contribuição dada por **Maria da Glória**, sua esposa e colega psicanalista, na leitura do nome de um dos personagens: *A Maria da Glória, aliás, chamou-me a atenção para o fato de que a ausente “g” final, que permitiria traduzir seu nome claramente por Deus rei, na verdade está já presente, joyceanamente, no início do nome. Afinal, não foi Joyce quem detectou em God um palíndromo de dog?* Assim lido, sobredeterminado com essa significação, esse nome denuncia a existência de um governo deploravelmente servil. *Deus-Rei* aponta para o tipo de governo da Idade Medieval, feudal, injustificadamente conhecida como a *Idade das Trevas*, mas aqui, no contexto histórico vivido pela *República do Sacramento*, cai bem esse juízo atributivo. A leitura de **Maria da Glória**, como a de **Luiz-Olyntho**, não é a do leitor ingênuo. Ela aponta a circularidade dos tempos históricos. Em Sacramento, estamos vivendo uma Idade Média marcada pelo estado autocrático do rei investido com o poder divino, representante legítimo do Estado e da Igreja. Pensemos na força descomunal que aí lhe é atribuída: *Onipotente, Onipresente, Onisciente*. Absoluto dono do Universo. Nesse exemplo, podemos observar o tipo de *fazer técnico* do romancista Erico Veríssimo. Realizado pela *tekcné* – a única capaz de pode fazer advir ao mundo um efeito; caso contrário, teremos apenas *fascínio* e não *revelação*, conforme entende Heidegger.

E **Luiz-Olyntho**, por meio de ricas associações, fruto de sua sólida erudição, sai aduzindo ao texto outras tantas informações preciosas, como esta, quando compara a sede da Embaixada da República do Sacramento com o Palácio Rucelai: *A característica comum entre as duas, eu diria, é o grande número de Janelas. Enquanto a primeira tem o que se costuma chamar de um estilo federal, característico das construções americanas entre 1780 e 1830, a segunda reflete o estilo florentino quatrocentista. Verdade que este palácio foi construído por Leon Battista Alberti, a quem devemos os primeiros estudos sobre o claro-escuro.*

Bem, para não me alongar tanto, darei um salto na minha releitura à análise crítica do romance *O Senhor Embaixador*, para mostrar, na própria pena dele, que é, sim, um *expert* no *fazer literário*, como escritor e como crítico, aqui provado por ele mesmo, quando, vetorizando estes dois horizontes da leitura exegética, pergunta, num estilo próprio de quem sabe o que faz: *E que dizer do contraponto entre as atrocidades políticas e a leveza da poesia?* Ora, sabemos, o *contraponto* implica dois movimentos: um *progressivo* e um *regressivo*, ou seja, *diálogo*. Aqui um rico e eficaz diálogo entre a História e a Estética, numa compreensão interpretativa, inteligente.